

O “efeito manada” e as vacinas

Wladimir Gramacho

Se havia dúvida, a semana com recordes de mortes pela covid-19, restrições adotadas por governantes e decisão do Ministério da Saúde de enfim adquirir imunizantes da Pfizer e da Janssen deixa ainda mais claro: o governo federal está perdido em meio à pandemia. Nesse contexto, a vacinação em massa é a única saída segura e responsável dessa crise sanitária e institucional. A boa notícia, entretanto, é que estudos científicos e dados recentes indicam que a adesão à imunização aumenta à medida que mais indivíduos se vacinam, abrindo a porteira para um verdadeiro “efeito manada”.

A [pesquisa](#) do PoderData divulgada na última sexta-feira (5) já captou o crescimento da aceitação das vacinas entre os brasileiros. Em 1 mês, o percentual de quem pretende tomar alguma delas subiu de 71% para 85%, e o de quem não pretende fazê-lo caiu de 21% para 10%. Felizmente, nesse aspecto os brasileiros seguem a tendência mundial.

No Chile, onde a 1ª dose começou a ser aplicada em 24 de dezembro, o interesse em se vacinar assim que for possível saltou de 36%, em dezembro, para 60%, em fevereiro, segundo o instituto Plaza Pública Cadem. Movimento semelhante foi detectado pelo YouGov na Espanha (adesão de 53% em dezembro, contra 77% em fevereiro) e na Finlândia (50% em dezembro e 70% em fevereiro). Na Itália e na Suécia, a disposição em se vacinar contra a covid-19 cresceu em 20 pontos percentuais em cerca de dois meses.

Na Grécia, o instituto Pulse mostrou que o percentual de pessoas que, com certeza, se vacinarão foi de 37%, em novembro, a 59%, em fevereiro. Vale a pena acompanhar os dados da Austrália e da Tailândia, onde a vacinação só começou na última semana de fevereiro. O percentual de hesitantes recrudescerá significativamente ao longo dos meses nesses países. Entretanto, os últimos levantamentos disponíveis são anteriores ao início da imunização.

Por aqui, a confiança na vacina aparece relacionada a preferências políticas. O PoderData mostra que 79% dos brasileiros que acham o governo federal bom ou ótimo estão dispostos a tomar a vacina, contra 87% dos que o consideram regular ou ruim/péssimo. A discrepância já foi maior, principalmente quando informado o país de origem de cada imunizante. Foi o que mostraram duas rodadas de [pesquisa](#) realizadas em outubro e dezembro de 2020 pelo Centro de Pesquisa em Comunicação Política e Saúde Pública (CPS) da Universidade de Brasília, com apoio do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD).

Nesse sentido, nossos números parecem ainda melhores que os dos EUA. Lá, o “efeito manada” tem conseguido furar (um pouco) a exacerbada polarização entre democratas e republicanos, que se estendeu à vacina. O monitor da KFF sobre vacinação contra a Covid-19, que agrega diversas pesquisas sobre o assunto, apontou que, em dezembro, quando a imunização começou, eram 34% os estadunidenses que já haviam tomado uma dose ou estavam dispostos a se vacinar assim que possível. A proporção foi a 55% em fevereiro. Entre os democratas, a adesão foi de 47% a 75% no mesmo período. Já entre os republicanos, o salto foi menor, mas expressivo: 28% a 41%.

A lógica por trás do “efeito manada” está em que pessoas indecisas em relação a determinados assuntos costumam seguir o comportamento da maioria. Esse fenômeno já foi amplamente estudado pela ciência política, por exemplo. Vários trabalhos demonstraram a

tendência dos eleitores de apoiar certos partidos políticos simplesmente por estes terem maiores chances de vencer uma eleição, mesmo que estejam distantes das preferências políticas do eleitor.

No caso da vacina, um estudo de 2018 da Universidade de Munique mostrou que essas atitudes também se aplicam à decisão sobre receber ou não um imunizante. Ou seja, muitas pessoas “pegam carona” no comportamento de seus pares – familiares, amigos, vizinhos – antes de se decidir sobre a vacinação. Os dados da pesquisa nos Estados Unidos ajudam a ilustrar esse fenômeno: 70% dos que moram com alguém que já foi vacinado e 50% de quem tem familiar ou amigo próximo que já se vacinou pretendem se imunizar assim que for possível. Já entre os que não têm relação estreita com pessoas que se vacinaram, apenas 30% pretendem fazê-lo.

O agravamento da pandemia agora pode criar um estímulo adicional para que mais brasileiros queiram vacinar-se. Apesar da velocidade paquidérmica de imunização coordenada pelo governo federal, é esperável que, em meados do ano, esse “efeito manada” leve aos postos de vacinação apoiadores e opositores do governo federal, em proporções mais parecidas, e as desconfianças sobre a origem de cada imunizante soem como uma “conversa para boi dormir”.

Doutor em Ciência Política pela Universidade de Salamanca, é professor adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do Centro de Pesquisa em Comunicação Política e Saúde Pública (CPS-UnB).

.....